

Dr. Craig Keener, Atos, Aula 2, Gênero e Historiografia

© 2024 Craig Keener e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Craig Keener em seu ensino sobre o livro de Atos. Esta é a sessão 2, Gênero e Historiografia.

Os estudiosos propuseram vários gêneros ou tipos literários para o livro de Atos.

Uma que analisamos é a biografia, e há uma série de elementos úteis nessa proposta. Outra proposta, e esta tem sido muito mais polêmica, foi a proposta de que Atos seja um romance, proposta principalmente por Richard Pervo. Agora, na verdade, Pervo hoje diria não, ele nunca disse realmente que Atos era um romance.

Ele estava apenas fazendo comparações com romances e reconhecendo Atos como uma obra de nível popular, em vez de uma obra histórica de elite. Então, ele via isso mais como uma espécie de historiografia novelística. Mas, de qualquer forma, olhando para a proposta do romance, porque muitas pessoas pegaram seu argumento original e disseram, bem, talvez Atos seja um romance ou devêssemos lê-lo como um romance.

Um de seus argumentos é que Luke caricatura seus oponentes e os faz parecer muito ruins. Bem, algumas pessoas agem muito mal, mas de qualquer forma, mesmo que Lucas as esteja caracterizando, isso não tornaria o romance um romance, porque isso era característico de toda polêmica. Quero dizer, Tácito, se alguém na antiguidade foi historiador, esse alguém foi Tácito.

Mas você vê como Tácito trata Nero e Domiciano. Qualquer coisa ruim que se diga sobre Nero ou Domiciano acaba na obra de Tácito. As pessoas escrevem a partir de determinadas perspectivas.

Pervo cita turbas turbulentas. Ele diz que isso aparece em romances, mas também aparece em todos os lugares na historiografia antiga. Havia muitas multidões turbulentas na antiguidade e as temos em obras históricas tanto quanto nos romances.

Às vezes ele apela para atos cristãos posteriores, os Atos de Paulo e Tecla, os Atos de Pedro, os Atos de João, que é o meu favorito, e vários outros. Mas isso é derivado dos atos de Lucas. Praticamente todo mundo concorda que os atos de Lucas são anteriores, então não podemos interpretar os atos posteriores nisso.

Na verdade, esses últimos vêm do apogeu dos romances, no final do segundo e início do terceiro século. O Evangelho de Lucas não, e o próprio Richard Pervo não o data tão tarde. Além disso, os romances antigos eram geralmente romances.

Você pode dizer, bem, os Atos de João não foram, alguns dos outros. Frequentemente, alguns desses atos posteriores são atos cristãos, porque, na antiguidade tardia, havia mais valorização do celibato do que do romance em alguns círculos. Olhando para esses atos posteriores, como os Atos de Paulo e Tecla, a principal personagem feminina deixa o marido e se torna celibatária. Ela segue Paul por aí, mas não se torna sua noiva ou algo parecido.

Mas os romances antigos geralmente eram romances. Os romances raramente tratavam de personagens históricos.

Existem alguns deles. A Ciropédia de Xenofonte é de um período anterior, e de um período posterior temos uma obra de alguém que chamamos de Pseudo-Calístenes. Não foi realmente Calístenes escrevendo um romance de Alexandre. Isso foi escrito sobre alguém que viveu 500 anos antes. Não depende de informações históricas, pelo menos 500 anos antes. Mas raramente eram sobre personagens históricos e nunca, até onde pude ver, sobre personagens recentes.

Quando você escreve sobre personagens recentes, quero dizer, as pessoas não escrevem romances sobre personagens recentes, de uma ou duas gerações passadas. Então, você não teria um romance sobre Jesus do primeiro século. Você não teria um romance sobre Paulo do primeiro século, ou mesmo, se quiser datá-lo tão tarde, do início do segundo século.

Em contraste com a história e a biografia, onde a história era considerada melhor escrita por testemunhas oculares ou por contemporâneos, nem toda ela foi escrita dessa forma, mas a história poderia ser escrita sobre personagens recentes. Os romances não eram. Os romances não incluíam a vasta correspondência com a história que encontramos no Livro de Atos.

E falando sério, são gêneros diferentes. A ficcionalização em narrativas limitava-se a contos e romances. Isso foi criticado pelos historiadores.

Os historiadores não tinham permissão para fazer isso. Então, Luciano, Políbio, quando está criticando Timeu, criticou aqueles que cometeram muitos erros, embora muitos estudiosos hoje digam, bem, Timeu não era realmente um historiador tão ruim, quando lemos nas entrelinhas, como Políbio acusou-o de ser. Políbio pode estar tentando se livrar de parte dessa competição.

Mas, de qualquer forma, isso foi criticado em obras históricas. Além disso, você não tem nos romances um prólogo histórico, um prefácio histórico como você tem em

Lucas 1:1-4, ou o uso de fontes como temos aqui. Conheço um romance, Metamorfoses, de Apuleio, que parece reciclar um enredo anterior encontrado em Lúcio, de Lupiano.

Mas esse é o único exemplo que conheço de uso de fontes, e foi reescrito de forma muito livre. Era obviamente um romance. Obviamente não foi uma obra histórica, em contraste com o que temos em Lucas-Atos.

Além disso, no que diz respeito ao fato de Lucas recorrer a uma série de fontes, ele parece ser muito cuidadoso na maneira como reúne suas fontes. Este não é um curso do Evangelho de Lucas, mas você pode ver usando uma sinopse dos Evangelhos. Se você fizesse uma sinopse de outras biografias antigas, veria que os Evangelhos sinópticos são, na verdade, muito próximos uns dos outros pelos padrões antigos, sugerindo que eles realmente pretendiam basear-se em informações históricas.

Agora, em termos de prefácio histórico, os romances não os tinham. Às vezes, alguns estudiosos citaram uma exceção, e essa exceção é um romance de Longus, Daphnis e Cloet. Mas se você ler o prefácio desse romance, verá que não é um prefácio histórico.

Diz que foi assim que inventei a história. Então, gêneros muito diferentes. Richard Pervo também destacou que você tem muitas aventuras como nos romances.

Bem, você também tem aventuras nas histórias. Quero dizer, leia a autobiografia de Josefo. Certamente, é cheio de aventura.

Leia a guerra de Josefo ou o relato de Tucídides sobre a Guerra do Peloponeso. Obviamente, há aventuras lá porque se trata de escrever sobre guerra. Agora, admito, quando tentei ler pela primeira vez a Guerra do Peloponeso, de Tucídides, acho que tinha 14 anos e não o achei tão interessante como agora.

Mas encontrei alguns outros trabalhos. Achei Tácito bastante interessante quando tinha 12 anos. Portanto, as histórias também podiam incluir aventuras interessantes.

Máximo de Tiro diz que as histórias são prazerosas e poderiam até ser lidas em banquetes em vez de outras formas de entretenimento, pelo menos se houvesse intelectuais presentes. Ora, isto seria especialmente verdadeiro na historiografia popular. E é aqui que penso que Richard Pervo tem uma visão valiosa porque é escrito de uma forma mais aventureira, com outros tipos de detalhes menos tediosos do que os que temos nas historiografias de elite.

As monografias históricas tinham até enredos para que tivessem um tema comum, uma história comum que contavam. Aristóteles falou sobre o valor de um enredo para qualquer tipo de narrativa. Esse interesse pela aventura era uma característica

de todas as narrativas literárias antigas, embora você o encontre mais em alguns tipos do que em outros.

Mas quanto deveria haver em Atos? Quanto deveria haver no relato das aventuras de Paulo? Bem, se você ler 2 Coríntios 11, Lucas amenizou as aventuras de Paulo porque Paulo tinha muito mais do que Lucas tem espaço para contar. Ele apenas dá amostras. Uma das principais aventuras do livro de Atos, Paulo é derrubado de um muro para escapar.

Paulo menciona isso em 2 Coríntios 11. Paulo menciona naufrágios que não aparecem em nenhum lugar em Atos. Atos relata um naufrágio posterior à escrita de 2 Coríntios.

Mas Paulo fala sobre naufrágio várias vezes. Ele fala sobre ser espancado várias vezes nas sinagogas. Ele fala sobre ter sido espancado várias vezes com varas, embora Atos narre apenas uma delas.

Portanto, Atos não está acentuando as aventuras de Paulo. Na verdade, trata-se de recontar menos deles, embora recontar alguns com mais detalhes do que Paulo teria motivos para fazê-lo. Richard Pervo fala sobre, bem, há um herói como você tem nos romances helenísticos.

Bem, mas você também tem um herói em biografias positivas. As biografias podem ser positivas ou negativas. Normalmente, eles eram misturados.

Eles tinham características positivas e negativas. Mas se você estivesse escrevendo sobre alguém que você realmente respeitasse, como quando Tácito escreve sobre seu sogro Agrícola, bem, então foi muito positivo. Mas muitas vezes você teve um herói.

Você certamente teve protagonista em muitas biografias. Há um elemento útil no que Richard Pervo apontou: Luke usa técnicas interessantes de contar histórias. Mas você pode usar técnicas narrativas semelhantes na historiografia, especialmente no nível popular.

Minha esposa foi refugiada de guerra durante 18 meses e escrevemos um livro. Ainda não foi lançado, mas no momento em que estiver sendo filmado, pode estar disponível no momento em que você estiver assistindo. Mas escrevemos um livro sobre isso.

O livro tem muita aventura, muita ação e um pouco de romance. É minha esposa. Mas nada disso é fictício.

Houve alguns pontos em que, por uma questão de espaço, apenas algumas vezes, misturei coisas que aconteceram cronologicamente em pontos diferentes. Eu os misturei em uma cena. Foram apenas alguns pontos.

Mas essas coisas foram tiradas diretamente do diário dela e do meu diário. Estes foram eventos reais. Mas do jeito que você conta a eles, deixei de fora muitas coisas que estavam no diário para focar nas coisas nas quais os leitores estariam mais interessados.

Meus diários de parte desse período podem ocupar duas gavetas de um arquivo. E este livro deveria ser pequeno para que pudesse ser vendido barato. Foi isso que a editora pediu.

Portanto, apenas uma pequena quantidade de informações está lá, mas eu poderia selecionar as informações com base em nosso interesse. Bem, isso não significa que seja um romance. Ainda é biográfico.

Ainda é historicamente verdadeiro. Mas os interesses moldam a forma como é escrito. E isso era verdade na antiguidade não menos do que é verdade hoje.

Na verdade, eu poderia tê-lo escrito num estilo historiográfico muito menos popular. Tínhamos todas as datas e tudo dos diários, mas está tudo bem. Outros sugeriram que o Livro de Atos é um épico.

Marianne Bontz sugeriu que é um épico em prosa. O problema de comparar Atos a um épico em prosa é que tal gênero não existia. Os épicos foram escritos em poesia, não em prosa.

E você não precisa ler muito dos Atos de Lucas em grego para reconhecer que, como em inglês, Atos não está escrito em forma poética. É prosa. Além disso, os épicos normalmente tratavam do passado distante.

Bem, Atos está tratando do passado recente, das gerações recentes. Um passado distante seria séculos antes. Frequentemente, eram lendas e, às vezes, puro mito, os épicos do Império Romano.

Sim, como no final do primeiro século, embora este não seja o apelo principal na obra de Bontz. Ela apela principalmente à Eneida de Virgílio. Mas temos algumas guerras mais recentes, até mesmo guerras civis.

Você tem Lucan, por exemplo, ou outros, colocando uma guerra em forma poética e depois tornando-a um épico, e características exageradas com a deusa gigante da guerra acima do exército, e assim por diante. Mas Atos não é nada disso. Atos, novamente, não foi escrito em forma poética.

Porém, há um elemento possivelmente útil no argumento de Bontz: Atos é uma história fundamental. Pode não ser sobre um passado distante, mas fala sobre o legado que foi deixado por estes primeiros líderes apostólicos. Portanto, não quer dizer que não possamos aprender algo com isso, mas a prosa épica não existia.

Conversamos sobre a tese de que é biografia. Talvez o paralelo mais próximo seja Diógenes Laércio, que, escrevendo mais tarde, tem biografias de várias pessoas. Você também tem Vidas dos Sofistas, de Filóstrato, com biografias de várias pessoas reunidas.

Você também tem vidas paralelas, onde você tem vários volumes, onde um volume trata de uma figura, outro volume trata de outra figura, e para restringir as informações sobre as quais você iria falar, você os compararia. Então, você tem Jesus, Pedro e Paulo. Mas o que você faz então com Atos 6-8, que se concentra em Estêvão e Filipe, ou mesmo 9-12, onde vai e volta entre Pedro e Paulo? Então, argumentei que é realmente uma abordagem biográfica da história.

A história tratou da práxis ou dos atos das pessoas. É daí que vem a palavra atos do título práxis. Você tem um pouco disso na biografia, mas também na história.

A exceção seria o Pseudo-Calístenes, escrito pelo menos 500 anos depois de Alexandre, o Grande. Portanto, a visão majoritária dos estudiosos hoje é que os atos são algum tipo de historiografia. Isso foi defendido por Debelius, por Cadbury, por Eckhart Plumaker, por Luke Timothy Johnson em Emory e por Martin Hengel.

A história poderia errar em alguns detalhes, mas ainda assim transmitiria eventos históricos, ao contrário de um romance em que uma pessoa simplesmente inventava tudo. Aqui estão as razões pelas quais os estudiosos – e estes são estudiosos de uma variedade de perspectivas. Estes não são estudiosos que dizem... bem, alguns estudiosos diriam, você sabe, que Lucas foi um excelente historiador.

Alguns diriam, bem, ele é um historiador mais ou menos. Mas a maioria dos estudiosos hoje percebe que Lucas está escrevendo historiografia. Razões para isso.

Uma delas é que Lucas inclui discursos fixos, que aparecem com muita frequência na historiografia antiga. Era característico da historiografia antiga. Quando Josefo reescreve partes do Antigo Testamento em suas Antiguidades, ele até acrescenta discursos para torná-lo melhor historiográfico.

Às vezes ele faz alguns discursos greco-romanos. Ele está muito interessado em historiografia retórica, Josefo está. Mas falaremos mais sobre isso em outro momento.

Mas você tem esses discursos definidos. Alguém se opôs, bem, você sabe, discursos montados, vocês também têm discursos em romances. Sim, você tem discurso, e tem gente falando em romances, mas não é a mesma coisa que ter esses discursos fixos, como você tem, tão dominantes na historiografia.

Embora sejam mais curtos em Atos, porque Atos é mais curto, é um volume. O prefácio histórico. A maioria dos estudiosos vê o prefácio de Lucas 1:1-4 como um prefácio histórico.

Loveday Alexander argumentou longamente, bem, isso se parece mais com o tipo de prefácio que você tem em tratados científicos. Mas quando ela foi criticada por pessoas que disseram, bem, isto não é um tratado científico, ela respondeu, eu nunca disse que era um tratado científico. Concordo que é uma obra de historiografia antiga, mas de um tipo mais científico, do tipo que talvez um médico ou alguém assim escreveria.

Temos correspondências massivas com dados conhecidos. Os romancistas não se importavam com isso. Os romancistas não voltavam e pesquisavam coisas, mesmo quando escreviam sobre personagens históricos.

Ocasionalmente, Lucas inclui sincronização, o que era mais característico da historiografia de elite. Luke não poderia ter tanta sincronização com a história externa, porque, na maioria das vezes, os relatórios que ele recebia não diziam a ele, isso aconteceu neste ano, isso aconteceu naquele ano. Mas ele tem isso às vezes.

Lucas 2:1.2 e Lucas 3:1.2 nomeiam os governantes na época em que esses eventos estavam acontecendo. Atos 18.12 menciona Galio. Até mesmo Atos 11:28, falando sobre o período de fome sob Cláudio.

Além disso, há um foco nos acontecimentos, e você vê isso no prefácio, onde diz, agora a respeito das coisas que foram cumpridas entre nós. Bom, foque nos acontecimentos, esse foi o foco que você teve na historiografia. E, você sabe, a alternativa a isso, os romances históricos, é bastante rara.

Edward Meyer talvez o mais famoso historiador da antiguidade greco-romana do século XX concluiu que Lucas foi um grande historiador e que Atos apesar de seu conteúdo mais restrito tem o mesmo caráter dos maiores historiadores de Opulebius Olivi e muitos outros. Pessoalmente, eu não colocaria Luke na mesma categoria que Bolivius ou Libby. Não acho que ele gostaria de ter escrito tanto quanto eles escreveram.

Mas a questão, no entanto, é que Lucas estava escrevendo historiografia. Bem, que tipo de historiografia? Havia diferentes tipos de fontes que poderíamos agrupar como história. Genealogia, mitografia, horografia, que era a história local ou os anais

de um lugar local, cronografia, que tentava apenas organizar os acontecimentos da história mundial.

Mas geralmente estamos falando sobre história propriamente dita. A história propriamente dita lidava com eventos históricos e estava em forma narrativa, ao contrário dos anais. E quando digo acontecimentos históricos, sou como a mitografia, que poderia ser mitos reciclados.

Às vezes, eles usaram fontes para isso, mas estão falando de pessoas de muitos, muitos séculos antes, se é que foram pessoas. Por tópico, algumas pessoas disseram, ok, bem, isso é história propriamente dita, mas que tipo de história? É a história institucional, escrevendo a instituição da igreja primitiva? É história política, ver a igreja como uma espécie de entidade política? É história filosófica, biográfica, com foco nos professores, nos sábios? Nós temos um pouco disso. É etnográfico, a história de um povo? Você também tem isso às vezes na antiguidade.

Podemos extrair insights de cada um desses tipos, mas a maioria das pessoas que escreveram monografias históricas não estava tentando enfiá-las em apenas uma categoria. Estas são categorias artificiais que criamos e, portanto, nenhuma delas realmente pegou e gerou um consenso entre os estudiosos. Em termos de história etnográfica, quando as pessoas escreveram a história etnográfica, a história de um povo, muitas vezes foi um grupo minoritário que se sentiu marginalizado pela forma como a história era normalmente escrita pelos gregos, que foram pioneiros na principal forma de historiografia usada na história. o império Romano.

Os gregos viam outros povos através de lentes gregas. Eles eram etnocêntricos, como costumam ser os povos, e por isso se interessavam pelas coisas do ponto de vista grego. Muitos deles menosprezaram algumas outras civilizações.

Heródoto foi um pouco mais justo, mas muitos deles menosprezaram as civilizações não-gregas, as civilizações não-romanas. Então, você tem o *Babylonii Acha*, que foi escrito. Baroso queria mostrar que os babilônios tinham uma história nobre.

Manetha queria mostrar em seu *Aegyptiaca*, provavelmente naquela época teria sido pronunciado *Aigyptiaca*, que os egípcios tinham uma história nobre, o que de fato tiveram. E Josefo faz isso, até certo ponto, com as suas antiguidades judaicas para mostrar que o povo judeu teve uma história nobre, uma história que remonta a muito antes da civilização grega. Os gregos podem não ter gostado disso, mas de qualquer forma, ele estava escrevendo um pedido de desculpas.

E isso nos leva a outra maneira de ver Atos, que é por motivo. Você pode ter temas diferentes, mas qual é o motivo? Quais são as forças motrizes por trás da escrita da historiografia? Bem, um motivo possível para Lucas-Atos é também aquele que encontramos para estas historiografias etnográficas, estas histórias etnográficas que

foram escritas sobre um povo específico, um grupo minoritário dentro do império ou fora do império. E Gregory Sterling, que no momento é reitor da Yale Divinity School e na época estava na Universidade de Notre Dame, Gregory Sterling argumentou muito, eu acho, muito fortemente, muito convincentemente, com base na antiga historiografia judaica, que muito de isso foi escrito com uma ênfase apologética.

E acho que os paralelos com Atos são muito informativos. Então, o povo judeu não foi responsável por esses motins antijudaicos que ocorreram e assim por diante. Além disso, você pode classificar a história de outra perspectiva.

Quero dizer, estes não são mutuamente exclusivos. Você pode classificar por tópico, por motivo ou por formulário. Bem, na forma, é uma monografia.

Não é uma história de vários volumes. Eckhart Plumacher e outros argumentaram que se trata de uma monografia histórica, como as monografias históricas do Salista. Mas, como aponta Richard Pervo, é um nível popular.

Não está no nível de elite. Bem, às vezes, com os Evangelhos, houve um período em que as pessoas falavam dos Evangelhos como *kleinliteratur* em oposição a *folkliteratur*, com o que queriam dizer que os Evangelhos eram literatura popular. São literatura popular em oposição à *kleinliteratur*, em oposição à literatura de elite de alto nível.

Bem, certamente, Lucas-Atos não é de elite, mas também não é apenas literatura popular. Não é algo como a vida de Esopo. Então, você precisa se concentrar em uma narrativa intrigante, mas ainda assim é história para isso.

Hoje, depende de onde você está no mundo e de quais coisas irão atraí-lo, mas apenas algumas das coisas que apreciei e li, como O Esconderijo, A Cruz e o Canivete, a história de Jackie Pullinger em Hong Kong, nosso livro, Amor Impossível, e outras coisas assim, não tentando nos colocar necessariamente na mesma categoria, mas que você pode ter obras que geralmente são verdadeiras, mas são contadas de uma forma popular. E acho que é isso que temos com o Livro de Atos. História etnográfica apologética, neste caso em forma de monografia.

Os gregos tendem a caricaturar os outros, por isso outros frequentemente respondiam produzindo obras que mostravam, não, que temos uma história nobre. E Josefo faz isso. Algumas pessoas disseram que Josefo tenta mostrar que o Judaísmo é uma religião lícita, uma religião legal.

Não era oficialmente uma religião legal, mas não precisava ser. É a antiguidade e a precedência da tolerância que Josefo traz à tona e gosta de enfatizar, em oposição a talvez algumas outras coisas que ele não menciona. Sabemos que isso acontece às vezes porque houve um decreto de Cláudio e ele disse aos gregos em Alexandria

para pararem de perseguir a comunidade judaica. Ele também disse à comunidade judaica para parar de agitar e Josefo apenas relata a parte em que ele reprovou os gregos.

Isso é compreensível. Ele está escrevendo de uma perspectiva específica para um propósito específico. Mas, em qualquer caso, ele apela à precedência para a tolerância, tal como faz Atos.

Ele mostra que a igreja tem uma história antiga e uma herança antiga. Voltando ao Volume 1, você pode ver que Jesus está inserido na história de Israel. Existem todas essas alusões, quero dizer, você tem Zacarias e Isabel aludindo a Abraão e Sara e tantas outras coisas.

Assim, a sua história incorpora a história da igreja na antiga história de Israel. Ele também está cheio de precedência, precedência favorável de que, você sabe, a igreja não deve ser perseguida, sua missão não deve ser silenciada porque isso não é algo que vai contra a lei romana. Pilatos, Jesus era realmente inocente.

Sérgio Paulo, Galileu, Festo. Felix apenas manteve Paul na prisão porque ele queria suborno e assim por diante. Portanto, Atos está fazendo algo parecido com o que Josefo estava fazendo com a história etnográfica apologética.

Não apenas etnografia além da apologética. Na verdade, ele não está escrevendo a história da igreja. Ele está escrevendo a história da missão da igreja.

Ele nem está escrevendo Atos dos Apóstolos porque não trata muito da maioria dos apóstolos. Você tem Pedro, João e Paulo, e depois Tiago, o irmão do Senhor, que não era um dos doze. Você tem sofisticação retórica em alguma historiografia antiga que foi exigida pelas elites, especialmente no apogeu da segunda sofística e depois.

No século II e depois, havia pessoas que menosprezavam o Novo Testamento porque não era retoricamente sofisticado o suficiente. E certamente, eles menosprezaram ainda mais o Antigo Testamento porque não era sofisticado para os padrões retóricos gregos, porque não foi escrito para eles. Esses historiadores permitiram ajustes de detalhes para tornar a narrativa coesa.

Eles também enfatizaram a vivacidade. E uma das maneiras pelas quais os historiadores frequentemente enfatizavam a vivacidade era por meio de um exercício chamado ekphrasis, onde descreviam algo em detalhes. Isso remonta a... os retóricos olham para trás, especialmente para Homero.

Homero era uma espécie de cânone retórico dos gregos, assim como o Antigo Testamento era o cânone do povo judeu e do movimento cristão. Então, eles olharam para uma longa descrição do escudo do Ajax, apenas dando a você todas as

elaborações possíveis. Então, isso era comum entre historiadores de orientação retórica.

Lucas não tem isso. Quando Paulo e Silas estão saindo de Filipos, ele poderia ter descrito a dor de suas feridas. Ele poderia ter descrito as flores de cem pétalas pelas quais as colinas ao redor de Filipos eram famosas.

Ele poderia ter descrito as minas de ouro perto de Filipos. Ele poderia ter descrito o rio Strumon. Ele poderia ter descrito a antiga estátua do leão que estava do lado de fora, na estrada pela qual eles sem dúvida passaram.

Lucas não descreve nenhuma dessas coisas. Esse não é o interesse dele. Luke está escrevendo em um nível mais popular do que isso.

É bastante popular, mas de nível literário superior ao de Mark. Alfabetizado, mas não tão sofisticado quanto Paul. Não da elite, mas mais próximo da elite do que dos papiros.

Agora, Luke também faz discursos. A retórica foi importante na história, especialmente para a elite, mas nem tanto para Lucas. Você vê a coesão narrativa dos atos de Lucas.

É toda uma história. Ele se encaixa. Golder, Talbert e Tannehill enfatizam isso.

Golder, na década de 1960, exagerou nos paralelos, mas Talbert e Tannehill fizeram isso de uma perspectiva muito mais sóbria, literária e crítica-narrativa. E assim, vemos como tudo se encaixa. Vemos padrões nos atos de Lucas.

Agora, os padrões não significam que seja anistórico. Os historiadores acreditavam que a Providência criou esses padrões e, portanto, destacavam coisas que lhes pareciam paralelos. Você tem isso em Dionísio de Halicarnasso, que apela à Providência.

Você tem isso em Josefo. Você tem isso no historiador romano Appian. Não é incomum.

Eles acreditavam que a Providência criou esses padrões, e então você pode dizer, bem, eles estavam nos olhos de quem vê, mas de qualquer forma, eles não estavam inventando os detalhes nesses casos. Vidas paralelas. Plutarco nos conta que procurou paralelos existentes.

É por isso que nem tudo é paralelo, mas ele procurou os paralelos existentes quando escreveu suas vidas paralelas. Ele não eliminou as diferenças ao fazer isso. Na

biografia, você poderia ter um elemento de elogio e de culpa, mas, segundo Políbio, ele deveria ser atribuído de acordo com o mérito justo.

Ou seja, você não poderia simplesmente inventar histórias. Você tinha que usar as histórias que realmente existiam para atribuir elogios e culpas. É diferente de, digamos, um discurso fúnebre, onde você apenas diz coisas boas sobre a pessoa.

Alguns historiadores, embora Políbio tenha atacado isso cruelmente, alguns historiadores foram sensacionalistas, e os exemplos que Políbio cita de sensacionalismo foram onde os historiadores realmente jogaram com o pathos. Você ainda tem o Antacidus brincando com o pathos. Mas o que ele está falando é quando uma cidade é conquistada e as pessoas são levadas como escravas.

Ele diz, bem, este historiador é um mau historiador porque descreve todas as mulheres lamentando e chorando e assim por diante. Bem, meu palpite é que enquanto eram levados como escravos, provavelmente lamentavam e choravam e assim por diante. O que Políbio não gosta é de focar nisso.

Nem todos os historiadores concordaram com ele. Luke tem algum pathos, mas não tem muito. Na verdade, ele pode ter menos do que Tácito.

E o pathos que ele tem não é como inventar acontecimentos. É como se as pessoas chorassem quando Paulo vai embora, o que mostra o quanto elas amam Paulo. Os historiadores de elite elaborariam as cenas.

Como mencionamos, isso não está em Lucas-Atos. Josefo faz isso. Esse tipo de coisa era considerado necessário para que um livro fosse vendido entre pessoas que pudessem comprá-lo.

Mas em um nível mais popular, eles não estavam interessados apenas em todas essas técnicas retóricas de elite, mas em uma boa narrativa. E, novamente, você pode fazer isso sem inventar coisas. Os historiadores tinham preconceitos antigos? Bem, pelo que já dissemos, você sabe que sim.

Os historiadores antigos tinham preconceitos, ou o que os estudiosos chamam de tendências. Eles tinham certas tendências e certas perspectivas. Não necessariamente, quando usamos o termo preconceito desta forma, não necessariamente negativo, mas eles tinham certas perspectivas.

Os historiadores modernos têm a mesma coisa. Os pós-modernistas gostam de apontar isso. Todo mundo escreve a partir de uma perspectiva que os não-pós-modernistas dirão que não justifica distorcer as coisas.

Mas, de qualquer forma, não vou entrar em todo esse debate. Mas você pode comparar biografias de Lincoln ou Churchill. Alguns são mais positivos; alguns são mais negativos.

Além disso, pode haver um foco explícito. Você pode escrever sobre a história da igreja. Isso não significa que você está inventando coisas.

Isso significa que seu foco está na história da igreja. Embora os historiadores ocidentais tenham tendência a concentrar-se na história da igreja ocidental e, mais recentemente, os estudiosos têm apontado, bem, na verdade, e quanto à história da igreja na África Oriental? E quanto à história da igreja na Ásia e em alguns outros lugares? Na verdade, essas coisas estão vindo mais à tona agora. Portanto, havia uma certa perspectiva a partir da qual as pessoas escreviam, certos interesses que ditavam o que cobriam principalmente.

Mas a história da igreja, a história política, a história das mulheres, portanto os seus interesses também ditarão o seu foco, mas isso não significa que não seja história. Mas isso era mais evidente na antiguidade. Às vezes, eles faziam comentários narrativos explícitos.

Bem, essa pessoa fez isso porque é um idiota. Às vezes você teria, bem, muitas vezes você teria preconceitos nacionalistas muito claros. Há muitas pessoas escrevendo com uma tendência muito pró-romana, e essa pode ser uma das razões pelas quais essas histórias sobreviveram.

Plutarco realmente não gostou de Heródoto. Ele tinha um ensaio completo sobre a maldade de Heródoto. O que ele tinha contra Heródoto? Heródoto disse algo negativo sobre a Beócia, de onde Plutarco era.

Você sabe, você não mexe com a minha cidade. Vou escrever algo ruim sobre você se você escrever algo ruim sobre minha cidade. Então, Plutarco enfrentou Heródoto e o chamou de malicioso.

As pessoas tinham vários preconceitos nacionalistas, embora por vezes algumas delas escrevessem de forma tão objectiva que os historiadores hoje debatem de que lado estavam realmente. Lições morais. Historiadores responsáveis acreditavam que não se limitava a divulgar a história e deixar que as pessoas fizessem o que quisessem com ela.

Você deu a eles alguma direção. Eles sabiam que as pessoas iriam usar esses exemplos históricos em discursos. Eles os usariam em discussões políticas e assim por diante.

Então, a questão era: se as pessoas vão usá-los, queremos ter certeza de que os usarão corretamente. Muitas vezes, no início do seu trabalho, eles diziam: Estou escrevendo isto para fornecer exemplos morais para que você possa procurar bons e maus exemplos do passado quando tentamos persuadir as pessoas no presente. Agora, eles nem sempre diziam quais exemplos eram bons e quais eram ruins, porque às vezes isso era dado como certo na cultura.

Mas você também tem isso nos Evangelhos, no Livro de Atos. Você tem certas morais comunicadas pelo comportamento das pessoas. Você tem certos grupos que estão focados positiva ou negativamente.

Selecionar fatos para um propósito não é o mesmo que fabricar fatos. É apenas a forma como a história é escrita e certamente a forma como a historiografia antiga foi escrita. Perspectivas teológicas também apareceram.

Os historiadores procuraram a mão divina na história. Eles procuraram padrões na história, como mencionamos, e, portanto, paralelos. E isso não se aplica apenas aos historiadores gregos.

Quero dizer, você olha para 1 Samuel, capítulo 1, e tem a comparação entre Ana e Eli. Você tem a comparação que acontece no próximo capítulo entre Samuel e o filho de Eli, Hofni e Phineas. Você tem as comparações entre Saul e Davi.

Isso foi característico de grande parte da forma como a historiografia foi escrita e foi formalizada na retórica grega. Providência divina. Dionísio de Halicarnasso e Josefo procuraram isso na história.

Eles mencionaram que isso foi feito pela providência. Os escritores judeus, quando atualizavam a história bíblica, como o Livro dos Jubileus, tinham ênfases teológicas específicas, embora os Jubileus se aproximem bastante da informação que temos no Gênesis, aumentando-a um pouco com alguma tradição judaica subsequente. Até mesmo Josefo está usando as mesmas histórias, embora você possa ver seu ponto de vista.

Às vezes, sua intenção é apenas torná-lo palatável para um público helenístico, usando técnicas adequadas de narração biográfica. Bem, e quanto à precisão na historiografia antiga? Isso variou um pouco pelo historiador. Tácito, Tucídides ou Políbio foram mais precisos do que Heródoto, Estrabão, o geógrafo, ou Plutarco.

Josefo não é confiável em relação às estimativas populacionais e às distâncias, mas, novamente, ele provavelmente não contou as pessoas, nem esperamos que ele tenha calculado as distâncias de um lugar para outro. Na verdade, ele não os mediu. Mas para coisas menores que ele podia medir, como pilares, como monumentos,

como a arquitetura do porto de Cesaréia Marítima, ele muitas vezes era bastante preciso nessas medições.

Ele era confiável na maioria dos dados arquitetônicos e, até onde sabemos, na maioria dos eventos. Às vezes ele esquecia as coisas. Para onde Herodes Antipas foi banido? Ele foi banido para a Gália, mas para outro lugar que não Josefo, ele foi banido para outro lugar.

Bem, pelo menos sabemos que ele foi banido. Mas Josefo não é o mais cuidadoso dos historiadores antigos, mas às vezes suas informações são tão precisas que os arqueólogos ficam surpresos com elas. Os historiadores tinham um amplo grau de liberdade em relação aos detalhes.

Eles tiveram que acertar a maior parte da história, na medida em que suas fontes fossem precisas. Eles usaram o critério de coerência com o cenário histórico. Eles preferiam escritores mais próximos dos eventos, especialmente testemunhas oculares.

O objetivo deles era a objetividade, e eles podiam ser muito críticos na forma como lidavam com seus dados, de modo que, em determinado momento, acredito que talvez tenha sido Tucídides, quem critica as histórias do grande Império Aqueu, as histórias que você tem em Homero, porque se você volta para Micenas, só há ruínas lá, e não parece que era um lugar muito grande. Bem, as escavações mostraram que era maior do que ele pensava, mas ele estava sendo um historiador crítico. Ele estava tentando analisar os dados disponíveis para ele, e hoje temos mais dados disponíveis para nós e, na verdade, não estamos dizendo que a Ilíada ou a Odisseia são históricas, mas algumas das coisas que elas pressupunham realmente vão. de volta a algumas informações mais do que talvez Tucídides sequer pensasse.

A objectividade era o objectivo, e por vezes foi alcançada a tal ponto que os estudiosos debatem qual o caminho que Sallust, por exemplo, se inclinou nas suas monografias históricas. A cronologia nem sempre estava disponível. Você tem a cronologia usada em Políbio, Tucídides e Tácito porque eles têm fontes militares disponíveis.

Eles têm anais que foram escritos porque é sobre esse tipo de coisa que estão escrevendo. Você não tem isso com fontes orais. As pessoas nem sempre serão capazes de dizer que isso aconteceu nesta data e que isso aconteceu nesta data, e você pode nem sempre ter as coisas na sequência precisa, e isso não era esperado.

Certamente, na biografia isso não era esperado. Na historiografia você deveria chegar o mais próximo possível, mas mesmo lá às vezes eles tinham que fazer concessões porque você acompanha algo geograficamente de um ano para o outro, mesmo que alguns outros eventos estejam acontecendo aqui antes desses eventos

posteriores neste local, ou você muda para aqui porque aconteceu no mesmo ano e depois volta geograficamente? E diferentes historiadores tinham técnicas diferentes para isso, e alguns deles criticaram algumas das técnicas dos outros. O uso de fontes.

Raramente os historiadores tiveram narradores oniscientes. Geralmente, eles citavam fontes variadas. Às vezes você teria sete de um lado e quatro do outro, e o historiador diria, sete disseram isso, mas a maioria dos historiadores diz isso, e eles citavam quatro, informando que havia mais de sete, mas eles apenas lhe deram os nomes de alguns deles.

As exceções. Eles nem sempre citavam as diversas fontes, mas as citavam especialmente quando discordavam. Então, quando você está falando sobre fontes recentes, eles eram menos propensos a nomear suas fontes porque não havia tantas divergências entre elas.

No caso de Arriano, Arriano escreve uma biografia muito respeitada de Alexandre, o Grande, mas Arriano está escrevendo no final do primeiro século, início do segundo, e Alexandre, o Grande, morreu em 323 aC, viveu de 356 a 323 aC Assim, os séculos se passaram, mas neste caso, Arriano tem muitos trabalhos que nos foram perdidos hoje. Ele tinha vários trabalhos iniciais sobre Alexandre, o Grande, e poderia basear-se neles, e por isso os estudiosos realmente respeitam isso porque ele tinha fontes antigas com as quais trabalhar. Mas às vezes essas fontes se contradiziam, e ele tinha que dizer, bem, aqui estão os diferentes pontos de vista.

Normalmente, se você escreve na primeira ou na segunda geração, não há tantas contradições entre as testemunhas. Você pode ter um pouco. Mas qual é o caso de Lucas? Bem, Lucas foi meticulosamente cuidadoso com as fontes que lhe estavam disponíveis nos Evangelhos.

Como nós sabemos? Basta comparar Lucas e Marcos para começar. Minha observação ao trabalhar com histórias antigas é que historiadores antigos que cobrem o mesmo período recontam os mesmos eventos. Frequentemente, eles preenchem cenas detalhadas onde não tinham acesso à informação, especialmente quando há cenas privadas e nenhuma das pessoas sobreviveu.

Todos eles morreram por causa disso. Josefo faz isso às vezes. Até Tácito faz isso de vez em quando.

Mas a substância tinha que estar correta. Mas eles completaram as cenas para uma boa narrativa. Portanto, temos alguns perigos na forma como as pessoas abordam a historiografia antiga.

Uma delas é assumir que a historiografia antiga é igual à historiografia moderna. Então, você julga pelas regras modernas. Você está julgando a historiografia antiga

por um gênero que tecnicamente ainda não existia, nomeadamente a historiografia moderna.

E então, você tem ultraconservadores e alguns céticos reclamando, bem, você sabe, pelos nossos padrões muito rígidos, vamos descartar qualquer confiabilidade nisso. Mas os historiadores antigos normalmente valorizavam a precisão na substância e nos eventos, mas não necessariamente em todos os detalhes detalhados, como conversas nas quais você tem exatamente o texto ou algo parecido. O outro perigo é assumir que a historiografia antiga nada teve a ver com informação histórica.

Quero dizer, a historiografia moderna desenvolveu-se a partir da historiografia antiga. Muitas das regras que usamos hoje foram compostas por Políbio, que escreveu antes de o Novo Testamento ser escrito. Então, supondo que tentar separar a historiografia antiga da informação histórica e dizer, bem, é praticamente o mesmo que um romance, isso é jogar fora o bebê junto com a água do banho.

Os romances na história eram gêneros bastante distintos na antiguidade. Lukian destacou que bons biógrafos evitam lisonjas. Falsifica acontecimentos, e só maus historiadores inventam dados.

Plínio, o Jovem, ambos estão escrevendo no século II, embora Plínio esteja escrevendo no início do século II. Plínio, o Jovem, diz que o que distingue a história é a sua preocupação com fatos precisos. Além disso, Plínio disse que o objetivo principal da história era a verdade e a precisão, não a exibição retórica.

Às vezes as pessoas dizem, bem, claro, os historiadores diriam que queriam escrever com precisão, mas não, isso foi apenas uma convenção. Eles realmente não queriam dizer isso. Plínio não é um historiador.

Plínio é orador e estadista, mas reconhece que a história deve ser precisa. E você poderia usar a retórica, desde que sua base fosse fatos. Ele escreveu para seus amigos Tácito e Suetônio, que eram historiadores.

Suetônio foi mais um biógrafo. Mas ele escreve para Tácito e diz: agora sei que você está escrevendo uma história do Império Romano, e quero ter certeza de que você não deixará de fora esse processo muito importante, esse caso muito importante que eu processei . . Não sabemos se Tácito o ouviu ou não porque falta essa parte específica de Tácito, mas mal valia a pena recontá-lo pelos padrões que Tácito normalmente usava.

No entanto, o que Plínio diz é que agora sei que só se pode incluir a verdade exata, mas esta é a verdade exata. Ele também fez um relato de seu pai, desculpe, não de seu pai, de seu tio, Plínio, o Velho, que morreu com a erupção do Vesúvio. Ele escreveu história natural.

Então, ele estava muito interessado em muitas informações enciclopédicas sobre a natureza e assim por diante. E enquanto todo mundo estava fugindo de Pompéia, ele queria descobrir mais sobre o que estava acontecendo lá, e isso foi o seu fim. Mas houve alguns sobreviventes que puderam falar sobre o que aconteceu, e Plínio, o Jovem, forneceu essa informação com muita alegria a Tácito.

Mas são informações verdadeiras, e eles disseram, você sabe, tem que ser informações verdadeiras. Aristóteles, escrevendo, foi tutor de Alexandre, o Grande, aluno de Platão muito antes. Aristóteles, a diferença entre poesia e história não é a sua forma, porque se poderia escrever a história em verso, e isso foi provado mais tarde, mas o seu conteúdo.

A história deve lidar com o que aconteceu, não apenas com o que pode acontecer. Portanto, houve uma forte ênfase de que a história deveria lidar com eventos reais. E as pessoas que os misturam hoje, romances e historiografia, pegam basicamente alguns romances históricos ou algumas histórias muito mal escritas, mas esses eram, novamente, um número muito ínfimo deles.

Você ainda tem o mainstream de ambos os gêneros muito separados. Historiografia crítica, contrária ao viés etnocêntrico moderno. Os antigos praticavam a historiografia crítica.

Grande parte da prática moderna, eu disse, era de Políbio, enquanto ele criticava Timeu, provavelmente apenas porque Timeu era um rival e ele queria que a sua própria história sobrevivesse e não a de Timeu, e ele conseguiu isso, não muito educadamente. Os historiadores frequentemente questionavam suas fontes. Eles examinariam os preconceitos dos escritores.

Eles testaram a consistência com a geografia, as ruínas, a consistência interna e assim por diante. As fontes que preferiram foram as mais antigas, mais próximas dos acontecimentos, especialmente testemunhas oculares. Eles preferiam aqueles menos propensos a serem tendenciosos.

Eles compararam várias fontes. Em outras palavras, os historiadores antigos se preocupavam em esclarecer os fatos. Até Josefo.

Josefo reescreve narrativas bíblicas. Às vezes, como mencionei, ele cria novos discursos para essas narrativas. Ele elabora retoricamente.

Ele omite o bezerro de ouro. Você sabe, quero dizer, você pode entender algumas desculpas para o bezerro de ouro, mas não, ele simplesmente não quer falar sobre isso. Mas ele retém a substância básica das histórias bíblicas.

E novamente, em seu próprio período, a arqueologia o confirma detalhadamente. Portanto, Josefo não foi o historiador mais preciso. Ele era um dos mais descuidados deles.

E, no entanto, recebemos muitas informações de Josefo, e se você tiver que acreditar na palavra dele ou presumir que ele está errado, eu, por exemplo, estaria mais propenso a acreditar na palavra dele, a menos que tenha um bom motivo para não fazê-lo. Mais importante ainda, os historiadores de eventos antigos admitiram que grande parte do passado antigo estava envolta em ficção. Mas quando os historiadores escreviam sobre acontecimentos recentes, eles valorizavam o depoimento de testemunhas oculares.

Eles reuniram relatos orais, assim como Lucas fala sobre testemunhas oculares em Lucas 1.2. Conhecemos Suetônio e outros, eles consultaram testemunhas. Às vezes mencionam-nos, as testemunhas que consultaram. Às vezes mencionam obras que foram escritas quase imediatamente após os acontecimentos dos quais dependem.

Eles reconheceram que precisavam ser confiáveis nos acontecimentos. Os atos são divertidos? Sim. Mas os historiadores procuraram escrever de forma divertida.

A diferença, novamente, entre romances e histórias não era que apenas um procurava entreter, mas que apenas um também procurava informar. Os antigos acreditavam que era possível usar a verdade para ensinar lições de moral e também para entreter. Você testa o caso do próprio Luke.

Qual foi o método de Lucas? Bem, na verdade Lucas nos disponibiliza isso no prefácio de seu primeiro volume. E também podemos testar Lucas comparando o que ele faz com Marcos. Então, o método de Lucas em seu prefácio.

Um prefácio deveria anunciar o que se seguiria. O conteúdo prometido de Lucas, Lucas 1:1-3, fala de uma narrativa ordenada das coisas que se cumpriram entre nós. E ele escreve de acordo com o versículo 4 para confirmar o que Teófilo havia aprendido sobre tais eventos.

Então, o que Lucas está nos dizendo é que ele escreverá sobre informações históricas e escreverá sobre elas para confirmar coisas que Teófilo já sabia. O que abordarei em breve, veremos este prefácio com mais detalhes, Lucas 1:1-4. Isso nos diz muito sobre as fontes disponíveis para Lucas. Fontes escritas, fontes orais, remontando a testemunhas oculares.

Lucas tem conhecimento completo ou confirma isso com suas próprias investigações, versículo 3. E também, Lucas não poderia fugir. Lucas não poderia estar apenas inventando coisas, certamente não em um nível muito grande, uma vez que o material já era conhecido na igreja primitiva e ele estava simplesmente confirmando

o que os membros do seu público já sabiam. Na próxima sessão, examinaremos detalhadamente cada um desses pontos.

Este é o Dr. Craig Keener em seu ensino sobre o livro de Atos. Esta é a sessão 2, Gênero e Historiografia.